

José Leite de Vasconcelos Cardoso Pereira de Melo nasceu em Ucanha, concelho de Tarouca, a 7 de julho de 1858.

Licenciou-se pela Escola Médico-Cirúrgica do Porto, em 1886. Durante o curso de Medicina, quando escreveu uma das suas primeiras obras, *Tradições Populares de Portugal* (1882), e a sua tese de licenciatura, intitulada *A Evolução da Linguagem* (1886), já dava sinais da diversidade dos seus interesses científicos.

Exerceu a profissão de médico durante apenas um ano, no Cadaval, tendo, em 1888, sido nomeado conservador da Biblioteca Nacional de Lisboa, onde criou um curso livre de filologia, e se manteve até 1911. Neste ano iniciou a docência na recém-criada Faculdade de Letras de Lisboa, que duraria até 1929, como professor das cadeiras de Filologia Clássica, Língua e Literatura Latina, Literatura Francesa, Numismática, Epigrafia e Arqueologia.

Entretanto, a par da incessante publicação de diversos estudos, fundou, em 1887, a *Revista Lusitana* (Arquivo de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal), que foi regularmente publicada até 1941, perfazendo 38 volumes, e em 1893 criou o Museu Etnográfico Português, onde lançou, em 1895, a revista *O Arqueólogo Português*, cuja I Série (30 volumes) dirigiu até à sua morte.

Faleceu em Lisboa, a 17 de maio de 1941, deixando, como legado, dezenas de obras e centenas de artigos, que compreendem as áreas da etnografia, filologia, dialetologia, etimologia, toponímia, arqueologia, numismática, epigrafia, etc., sempre fiel à sua original, e quase enciclopédica, perspetiva global do entendimento da Cultura Portuguesa.

Amadeu Ferraz de Carvalho nasceu em Tondela, em 9 de fevereiro de 1876.

Em 1893, matriculou-se na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, concluindo a licenciatura em 1898.

A par do exercício de funções jurídicas (notário na comarca de Tondela), políticas (administrador do concelho de Benavente e vice-presidente da Câmara Municipal de Coimbra) e docentes (professor da Escola Industrial Brotero, em Coimbra), Anselmo Ferraz de Carvalho foi um "escritor e bibliófilo muito distinto" (Sílvio Pélico, "Notas ligeiras sobre a Escola Industrial e Comercial de Brotero, e de alguns dos seus mais notáveis diretores e professores já falecidos", em *Brotero – Revista Técnica e Cultural*, n.º 11, maio 1955, pp. 57-63).

Figura de relevo da cultura de Coimbra e de Tondela, Amadeu Ferraz de Carvalho foi membro do Conselho de Arte e Arqueologia de Coimbra, membro do Senado Universitário, delegado no concelho de Tondela da Secção de Antiguidades da extinta Junta Nacional de Educação.

Foi sócio particularmente ativo do Instituto de Coimbra, integrando as suas direções de 1913 a 1918, 1935-1936 e 1940 a 1946 (sob a presidência de Francisco Miranda da Costa Lobo) e de 1947 a 1951 (sob a presidência de Anselmo Ferraz de Carvalho).

Na revista *O Instituto* (de cujo Conselho de Redação foi, durante vários anos, secretário-geral) publicou os seguintes estudos: "Os portugueses nas memórias de Casanova" (vol. 69.º, 1922, pp. 297-311, 363-383); "Camões em Coimbra (Conferência realizada na Escola Industrial Brotero no dia 10 de Junho de 1924)" (vol. 71.º, 1924, pp. 241-261; há separata, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1924); "Crítica literária ao livro João Brandão, por J. M. Dias Ferrão" (vol. 77.º, 1929, pp. 127-134); "Três cartas de Herculano" (vol. 80.º, 1930, pp. 153-158); "Toponímia coimbrã e arredores (Contribuições para o seu estudo)" (vol. 87.º, 1934, pp. 395-459; há separata, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1934); "Vicomte de Guichen, La Guerre de Crimée et l'attitude des puissances européennes. Étude d'histoire diplomatique" (vol. 91.º, 1937, pp. 81-90); "Molelos, a terra da louça preta" (vol. 100.º, 1942, pp. 320-323); e "A terra de Besteiros e o atual concelho de Tondela: esboço histórico e toponímico" (vols. 104.º, 1944, pp. 97-128, 105.º, 1945, pp. 39-109, e 106.º, 1946, pp. 71-157; há separata, Coimbra, Coimbra Editora Limitada, 1945; foi feita nova edição, dirigida por António Manuel Pelicano Matoso Martinho, Tondela, Câmara Municipal de Tondela, 1981).

Colaborou noutras publicações periódicas, designadamente com os estudos: Da actual feição da antroponímia portuguesa: proposta dum inquérito onomástico, Comunicação apresentada no XI Congresso de las Asociaciones Española y Portuguesa para el Progreso de las Ciencias, Cádiz, Maio, 1927, Coimbra, Faculdade de Letras, 1927 (Separata da Biblos, vol. III, n.ºs 17/8); e Contribuição para o estudo da antroponímia portuguesa: três épocas nos nomes de habitantes dum concelho da Beira – Besteiros, hoje Tondela, XIII Congresso Luso-Espanhol para o Progreso das Ciências, Porto, Imprensa Portuguesa, 1950 (Separata de Ciências históricas e filológicas, vol. VIII).

Publicou ainda: Hospital do Concelho de Tondela (em construção), Porto, Oficinas do Comércio do Porto, 1908; Nomes de lugar de um concelho da Beira Alta: da utilização das matrizes prediais nas investigações toponímicas, Comunicação apresentada à 7.ª Secção do Congresso Luso-Espanhol do Porto – 1942, Porto, Imprensa Portuguesa, 1944 (Extrato do tomo VIII das publicações do Congresso Luso-Espanhol do Porto).

Faleceu a 18 de fevereiro de 1951 em Tondela, tendo o seu nome sido atribuído a uma rua desta cidade.

Vergílio Correia Pinto da Fonseca nasceu no Peso da Régua, a 19 de outubro de 1888, e faleceu em Coimbra, a 3 de Junho de 1944.

Licenciou-se em Direito em 1911, mas não seguiu qualquer carreira jurídica, notabilizando-se como historiador de arte, arqueólogo e etnólogo, doutorando-se pela Faculdade de Letras em 1933.

Foi conservador do Museu Etnológico Português de 1911 a 1916, e do Museu Nacional de Arte Antiga de 1916 a 1921.

Lecionou, na Universidade de Coimbra, as disciplinas de Estética e História da Arte, Arqueologia, História da Antiguidade Clássica e Oriental e Epigrafia.

Em 1929 substituiu António Augusto Gonçalves à frente do Museu Machado de Castro, acumulando, a partir de setembro de 1937, o referido cargo com a direção do Diário de Coimbra, onde redigiu, desde 1935, a importante coluna «Arte e Arqueologia», preenchida fundamentalmente com os resultados dos seus estudos históricos conimbricenses.

Além da participação em diferentes publicações periódicas, destacam-se os estudos de maior fôlego que versaram, entre outros temas, sobre a arqueologia neolítica e romana, os marcos arquitetónicos essenciais do país, com destaque para a especificidade conimbricense, passando ainda pelas particularidades artísticas de âmbito regional (sobretudo beirão), por esforços empreendidos no âmbito da biografia dos principais produtores/executantes, entrando ainda por temáticas até então inexploradas, como a pintura de frescos em Portugal nos séculos XV e XVI.

As Notas de Arqueologia e Etnografia do Concelho de Coimbra, que se reproduzem na presente coletânea, pela relevância que assumem no domínio da toponímia conimbricense, foram publicadas apenas em 1940, mas, como o autor adverte, correspondem, sem alterações, às notas que, "compondo uma espécie de roteiro arqueológico e etnográfico do concelho de Coimbra", tomara trinta anos antes, "nas viagens que realizava pelos arredores, a pé ou de bicicleta, sozinho ou acompanhado" por colegas de curso, quando "de 1906 a 1911 frequentei Direito na Universidade de Coimbra".

Joaquim Albino da Silveira, filho de Albino Joaquim da Silveira, nasceu em Sangalhos, em 1879.

Frequentou a Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra entre 1898 e 1905, ano em que se licenciou.

Foi, porém, a filologia, e especialmente a etimologia e a toponímia, as áreas científicas em que se distinguiu.

Colaborou em diversas revistas dessas especialidades, e publicou, entre outras, as seguintes obras: *Sobre o nome «Camões»*, Coimbra, Coimbra Editora, 1927 (Separata da revista Biblos, III, 1927, 6 e 7); *O latim fabrica na língua e na toponímia portuguesas*, Coimbra, Coimbra Editora, 1935 (Separata da revista Biblos,

XI, 1935); *Vocalismo brasileiro: dois apelidos*, Coimbra, Coimbra Editora, 1942 (Separata de Brasília, vol. II, 1942); *Descobrimiento do Brasil* (data errada da sua comemoração), Figueira da Foz, Rotary Club, 1947 (Separata do Boletim do Rotary Club); *Gândavo, não Gandavo*, Coimbra, Coimbra Editora, 1947 (Separata da Brasília, vol. III); *Estudos sobre o vocabulário português: formas, sentidos, prosódia, origens*, Coimbra, Casa do Castelo, 1948 (Separata da Revista Portuguesa de Filologia, vol. I, 1948); *Estudos sobre o vocabulário português: (zevro. zebra)*, Coimbra, Casa do Castelo, 1949 (Separata da Revista Portuguesa de Filologia, vol. II, 1949); *Estudos sobre o vocabulário português*, Coimbra, Coimbra Editora, 1949 (Separata da Revista Portuguesa de Filologia, vol. II, 1949); *O latim laudemium*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos, 1949; *O Topónimo «Chaves» e o seu cabo etimológico*, Coimbra, Instituto de Estudos Históricos Doutor António de Vasconcelos, 1951 (Separata da Revista Portuguesa de História, vol. V); *Erros nos dicionários da língua*, Preleção conferência feita na Faculdade de Letras em 11 de maio de 1951, Figueira da Foz, Clube Rotário, 1951; *Ressaca*, Coimbra, Coimbra Editora, 1954; *A nossa toponímia e o censo da população*, Coimbra, Instituto de Estudos Românicos, 1960 (Separata da Revista Portuguesa de Filologia, vol. X); *Vasconcelos e Vascões*, Porto, 1960 (Separata das Actas do Colóquio de Estudos Etnográficos Dr. José Leite de Vasconcelos, vol. II); *Uma explicação sobre Mortágua*, Coimbra, 1961 (Separata da Revista Portuguesa de Filologia, vol. X); *Numão ou (melhor) Nomão; nota etimológica*, Coimbra, Instituto de Estudos Românicos, 1968 (Separata da Revista Portuguesa de Filologia, vol. XV, tomos I e III); *Merêa*, Coimbra, Instituto de Estudos Históricos Doutor António de Vasconcelos, 1969 (Separata da Revista Portuguesa de História, vol. XII); *Alcanfôr (não Alcânfor): nota lexicológica*, Coimbra, Instituto dos Estudos Românicos, 1975 (Separata da Revista Portuguesa de Filologia, vol. XVII, tomos I e II).

Em 1959, por ocasião do seu 80.º aniversário, Manuel Paiva Boléo homenageou Joaquim da Silveira, "a quem a língua portuguesa deve inúmeros e valiosos artigos de carácter etimológico, em especial no domínio da toponímia", publicando o Índice geral dos artigos de toponímia portuguesa de Joaquim da Silveira (Coimbra, Faculdade de Letras / Publicações do Instituto de Estudos Românicos, 1959), formulando o voto de que em especial os valiosos estudos que saíram na *Revista Lusitana* viessem a ser reeditados, depois de revistos pelo autor, o que não chegou a ser concretizado. Esse Índice é enriquecido por notas, expressamente redigidas para essa bibliografia por Joaquim da Silveira, corrigindo posições expressas em suas anteriores publicações.

Além dos artigos na *Revista Lusitana*, nessa bibliografia registam-se os estudos "Notas sobre a toponímia do concelho de Nelas" (*O Instituto*, vol. 97.º, 1940, pp. 268-281 e 382-421; reproduzido em José Pinto Loureiro, *O concelho de Nelas, antiga terra de Senhorim: subsídios para a história da Beira*, Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1940); "Alguns nomes de lugar da freguesia de Areias (Santo Tirso)", publicado no vol. 1.º de *Douro Litoral – Boletim da Comissão Provincial de Etnografia e História* (Porto, 1940) e reproduzido em Augusto César Pires de Lima, *Estudos etnográficos, filológicos e históricos*, 6.º volume (Porto, Junta da Província do Douro Litoral, 1951), pp. 391-399; *Topónimos do distrito de Aveiro*, publicado no Arquivo do Distrito de Aveiro, vol. X, 1944; *Muradal (não Moradal) e Muradais e Fêcha da Misarela. Frecha, Freicha*, no Boletim do Centro de Estudos Geográficos da Faculdade de Letras de Coimbra, n.ºs 4 e 5 (1952), pp. 64-68, e n.ºs 12 e 13 (1956), pp. 77-82, respetivamente; e uma longa carta sobre os topónimos Malpica, Malpicas, Mal Picra, Malpique, publicada por J. Diogo Correia, em Apontamentos para a monografia de Malpica do Tejo (Lisboa, 1953).

Em 1993 foram publicados os seus *Estudos de toponímia da Bairrada e outras notas*, com seleção, abertura, notas e atualização ortográfica por Arsénio Mota (Porto / Lisboa, Figueirinhas, 1993).

Sobre a sua atividade nos domínios da filologia, etimologia e toponímia, cf. Pedro Cunha Serra, Joaquim Albino da Silveira, Coimbra, Instituto de Estudos Românicos, 1976 (Separata da Revista Portuguesa de Filologia, Coimbra, vol. XVI, 1972-1973).